

Regeneração e toxicidade: notas etnográficas sobre a economia do carvão no norte do Haiti¹

Rodrigo Charafeddine Bulamah

Professor Adjunto do Departamento de Antropologia/
Universidade do Estado do Rio de Janeiro

<https://orcid.org/0000-0002-4734-7672>

rodrigobulamah@gmail.com



Imagem 1. Forno de carvão.

Foto do autor. Milot, 2020.

¹ Sou grato a Juliana Miranda Soares Campos e ao segundo parecerista anônimo pelos comentários generosos e críticas precisas. Este texto foi possível devido aos diálogos que construí com Renzo Taddei durante meu estágio pós-doutoral na Unifesp. Pelos comentários a versões anteriores, agradeço a Alex Bellande, Omar Thomaz, Cristiana Bastos, Guillermo Navarro, Federico Neiburg, Marcelo Mello, Marta Macedo, às colegas do ResidualLab, particularmente Mariana Cavalcanti e Maria Raquel Passos Lima, e ao grupo Ecologias: Rosa Vieira, Guilherme Moura Fagundes, Alyne Costa e Caetano Sordi.

A primeira vez que me defrontei com um forno de carvão vegetal (*chabon*) no Haiti foi numa manhã de inverno em 2012. Eu morava em um povoado rural da região montanhosa de Milot, no norte do país, e havia acordado com um cheiro forte de fumaça que tomava conta de todo o vale. Diferentemente das outras vezes que presenciei o uso do fogo para limpar terrenos e reduzir o volume de acúmulos vegetais ou rejeitos diversos, aquela fumaça pervasiva era carregada de uma umidade que lhe conferia um aspecto bastante peculiar. Contaram-me, então, que um vizinho próximo havia acendido um forno de carvão (*fou chabon*). De fato, a fumaça resultante da produção do carvão vegetal é um processo de expansão ligado a formas de combustão rigidamente controladas que visam desidratar e contrair o volume de uma biomassa vegetal, em geral galhos e pedaços de madeira de diferentes tamanhos, a fim de transformá-la em quilojoules de fácil transporte.

Com uso relativamente restrito nos povoados rurais, os pedaços de madeira queimada de cor azul-petróleo servem para suprir parte da demanda energética da cidade. Nesse ponto, a contração bioquímica que resulta de uma queima lenta da madeira condensa também componentes tecnopolíticos e afetivos que ajudam a enxergar não só controvérsias e fricções entre campo e cidade, mas também elementos de uma ecologia da vida nas montanhas haitianas. É nesse movimento de expansão e contração próprio da produção do carvão vegetal que busco inspiração para a escrita deste ensaio. Para isso, parto do meu trabalho de campo no vilarejo de Milot para apresentar algumas notas etnográficas sobre a produção, circulação e comércio do carvão vegetal, mas sem perder de vista uma certa profundidade histórica e um jogo de escalas que configuram as paisagens no Caribe (Mintz, 2012).²

Desde 2012, venho conduzindo trabalho de campo etnográfico em Milot, um vilarejo do norte do Haiti formado por um centro administrativo e uma vasta região rural ao pé da cadeia de montanhas que constitui o Maciço do Norte. Foram três meses em 2012, seguidos de 11 meses entre 2015 e 2016, além de visitas periódicas de um mês ou mais a cada um ou dois anos. Nesse período, morei por algumas temporadas no centro do vilarejo e por outras em um povoado rural conhecido como Samson. Ali, conheci famílias e me tornei amigo de pessoas que me ensinaram sobre modos de habitar as montanhas, nos quais o carvão ocupava um lugar importante. Os dados que apresento são parte de uma pesquisa mais recente, realizada entre dezembro de 2019 e fevereiro de 2020 e, por mais um mês, em julho de 2022. Nesse ponto, evito generalizações sobre a produção de carvão vegetal em outras partes do país, apontando, contudo, para possíveis similaridades em outras regiões da ilha.

Para pensar esses temas, tenho empregado a noção de *técnica* na acepção clássica de Marcel Mauss (2003, p. 407), definida como um “ato tradicional eficaz” que confere

sentido a objetos e coisas por meio da transformação do mundo. Ao mesmo tempo, tal transformação modela também o corpo e a mente dos próprios sujeitos da ação (Sautchuk, 2017). Entendo *afetos* na linha de debates recentes que olham para as formas como materialidades humanas e não-humanas não somente se imbricam, mas também emergem a partir dessas interações (Weszkalnys, 2016; Jaramillo, 2020).

Cabe notar, de saída, que o norte do Haiti é uma paisagem conhecida na história do capitalismo ocidental. Não muito longe dali, Cristóvão Colombo montou o primeiro povoamento das Américas. Além disso, em razão de uma extensa região de planície circundada por uma cadeia de montanhas e de um regime de chuvas generoso atrelado aos ventos alísios, ali floresceram algumas das maiores plantations escravistas do século XVIII. A colônia francesa de São Domingos, hoje Haiti, ocupava um terço da ilha de Espanhola e era uma das colônias mais rentáveis da época, chegando a ser responsável por 60% dos produtos tropicais consumidos na Europa. A principal mercadoria de exportação era o açúcar, produzido por meio do trabalho de africanos desterrados e de seus descendentes.

Foi no norte do Haiti que também tiveram início as primeiras revoltas que viriam a redefinir toda a geografia econômica do Atlântico, culminando no que hoje se conhece como a Revolução Haitiana. O preço que haitianos e haitianas pagaram por esse feito foi elevado e representou anos de isolamento, além de diferentes formas de controle e intervenção imperiais que resultaram em uma imagem de um país marcado por ruínas e crises dos mais diversos tipos (Trouillot, 2020). Essa região teve um papel importante na gênese do capitalismo global (James, 2000; Williams, 2012). Porém, se esse lugar nos parece hoje relativamente marginal, talvez, como espero mostrar, ele ocupa um lugar central se levarmos em conta a economia política do humanitarismo e das formas de governo que passam pela imposição externa de projetos e lógicas de controle da natureza.



Imagem 2. Fronteira entre Haiti e República Dominicana.
Fonte: National Geographic, 1987.

Atualmente, entre os discursos e as estatísticas que continuamente posicionam o Haiti como um lugar excepcional, há um particularmente recorrente: a afirmação de que o país teria uma taxa inferior a 1% de mata nativa (Hedges *et al.*, 2018). Essa representação de uma nação desmatada se dá, muitas vezes, em termos comparativos, aproximando o Haiti do país vizinho, a República Dominicana. A imagem anterior ilustra bem esse tema. Publicada em uma edição de 1987 na revista *National Geographic*, ela já é um clássico. Mostra, numa perspectiva de sobrevoo, a fronteira entre os dois países. Quase como uma fantasmagoria, tal foto desvela, supostamente, um Haiti ecologicamente condenado e uma República Dominicana verdejante, sendo reproduzida por escritores como Jared Diamond (2010), autor do best-seller *Colapso*, e também por cientistas sociais que enunciam, sem muito cuidado, a ideia de uma crise ambiental no país.

Além de focar apenas um trecho curto da fronteira, a imagem ignora que, do lado dominicano, o verde não representa necessariamente matas nativas, mas campos de tabaco, cana-de-açúcar e outras monoculturas cultivadas em grandes plantações (Bellande, 2015). A estatística da existência de apenas 1% de mata nativa no Haiti desconsidera, também, a longa história colonial e neocolonial de exploração da natureza no Caribe, reproduzindo aquilo que Malcom Ferdinand (2022) identificou recentemente como uma “dupla fratura da modernidade”, separando a história da escravidão e do colonialismo e o debate ambientalista.

De fato, o carvão vegetal e a lenha ocupam a base do sistema energético no Haiti, chegando a suprir 70% da demanda do país (World Bank, 2007). Não por acaso, camponeses que vivem nos montes haitianos são, no mais das vezes, considerados os grandes agentes desse desmatamento. Isso revela uma complexa política de acusações morais que atravessa divisões de classe e tensões entre o rural e o urbano no país, reproduzindo uma forma histórica de relação entre Estado e nação marcada por expropriações de terra e sobretaxação da produção rural (Trouillot, 1990). Além disso, o carvão parece realizar um trabalho retórico importante para uma certa economia humanitária global ao transformar as vítimas sem agência do “país mais pobre do hemisfério ocidental” – epíteto repetido à exaustão por jornais e outros meios de comunicação – em agentes ativos de uma catástrofe ambiental sem precedentes.

Porém, como mencionei há pouco, o carvão vegetal é utilizado sobretudo em cozinhas urbanas e periurbanas. Os habitantes das áreas elevadas preferem valer-se de lenha e gravetos, pois com esses elementos se faz fogo muito mais rápido e de maneira muito mais intensa, cozinhando os alimentos sem demora. O carvão revela, com efeito, formas de governo da vida que passam pela gestão da energia, ou uma *energopolítica* (Boyer, 2019), combinada a uma gestão do fogo, ou uma *piropolítica* (Fagundes, 2019). Para os moradores rurais haitianos, o carvão é também uma unidade de troca e uma fonte rápida de liquidez.



Imagem 3. Saco de carvão.
Foto do autor. Milot, 2020.

Em poucas semanas, é possível produzir alguns sacos de carvão e sua venda é sempre algo seguro, servindo para pagar, por exemplo, despesas de taxas escolares (algo de um valor bastante elevado no país) e compromissos rituais como casamentos e velórios, que exigem uma série de gastos não necessariamente planejados. Por isso, é nas semanas anteriores ao começo das aulas, em agosto, e um pouco antes das festividades de fim de ano que se veem traços de fumaça nos vales e um aumento do cheiro úmido da queima nos vilarejos. Um aspecto importante sobre o carvão é que, diferentemente de outras economias agrárias, ele independe de sazonalidade específica, seja anual, como é o caso do café, ou bianual, como nos casos do cacau e da batata-doce – o que aponta para uma temporalidade específica.

Nesse sentido, a economia do carvão ocupa um lugar central naquilo que no Haiti e na diáspora as pessoas conhecem como *chache lavi* ou “buscar a vida” (Neiburg, 2021). É consenso entre moradores rurais mais velhos na região de Milot que a intensificação da produção de carvão ocorreu no final da década de 1970, a partir de uma transição sociotécnica imposta por meio do extermínio de toda a população de porcos da ilha. Esse massacre foi coordenado por especialistas estrangeiros e por agentes do próprio governo haitiano, que, na época, era controlado pelo clã Duvalier. O impacto desse evento foi sentido em todo o país e é até hoje tema de elaborações sobre as relações entre soberania e imperialismo, humanos e animais, saúde e doença (Bulamah, 2020).



Imagem 4. Montagem do forno.

Foto do autor. Milot, 2020.

Voltando ao carvão vegetal, todo o processo de produção desse combustível está longe de ser algo desordenado ou simplesmente predatório. Para se fazer carvão, é preciso seguir um conjunto de etapas, às quais correspondem técnicas específicas e divisões de gênero. Aos homens, cabe a parte de cortar as árvores, separar os troncos e galhos em montes para a secagem, montar e preparar os fornos e controlar o fogo, atividade que pode durar de alguns dias a semanas.



Imagem 5. Separação do carvão.

Foto do autor. Milot, 2020.

Às mulheres, cabe a tarefa de separar os pedaços maiores dos menores, atividade que se inicia ainda com o forno incandescente, evitando-se que a queima fuja do controle. O contato com o calor excessivo exige cuidados corporais, pois a relação entre quente e frio é sempre disruptiva – como ouvi repetidas vezes, “*cho pa mele ak frèt*” (“o quente não se mistura com o frio”). Esses polos, o *quente* e o *frio*, estruturam práticas e conhecimentos sobre saúde e doença no Haiti, como discutiram os antropólogos Paul Farmer (1992) e Paul Brodwin (1996), e, no caso do carvão, revelam também uma tensão constante entre vida e perigo.



Imagem 6. Crianças aprendendo a controlar o fogo.
Foto do autor. Milot, 2020.

Tanto as etapas masculinas quanto as femininas são muitas vezes feitas em mutirões (*konbit*), o que mostra uma economia da troca que passa pela circulação do trabalho e de formas de ajuda mútua. Crianças também podem participar de todo o processo, auxiliando em tarefas específicas ou fazendo seus próprios fornos em tamanhos reduzidos e vendendo o carvão que produziram, experimentando, assim, alguma forma de autonomia financeira, algo que é bastante valorizado localmente e em outras partes do país (Mézié, 2018).

Toda essa produção segue, também, um conjunto de regras que passam por regimes de propriedade e herança, além de cálculos econômicos e ecológicos. Dificilmente corta-se uma árvore de um terreno sem que ela esteja visivelmente condenada. Na maioria das vezes, é preferível realizar uma poda, pois um terreno coberto de plantas é mais propício à produção de cacau, café e inhame, três culturas bastante valorizadas nas trocas entre vizinhos e nas vendas em mercados locais ou regionais. Isso nos ajuda a pensar as árvores e matas como espécies e espaços integrados às roças e aos jardins (*jaden*), compondo uma economia doméstica centrada na terra e na diversidade de cultivares.

Para se fazer um bom carvão, deve-se respeitar as fases da lua, esperando o tempo de lua crescente ou cheia para iniciar a queima do forno e escolhendo também uma área que já tenha sido utilizada, pois, como contou um amigo mais velho e versado na

produção desse combustível, um chão *cru* (*kri*) faz o carvão esfarelar. No Haiti, as árvores são espaços de morada de espíritos conhecidos como *jany* ou *lwa*, seres atrelados a parentes ancestrais e que participam de trocas cotidianas e rituais. Cortar uma árvore que é a casa de um espírito pode ter consequências fatais para uma família, o que revela uma economia que passa não só pela vontade humana de domínio de uma natureza supostamente exterior, mas também por uma *cosmoeconomia*, tomando de empréstimo o termo proposto por Giovanni da Col (2012) e retrabalhado recentemente por Mette High (2017) em sua etnografia sobre mineração na Mongólia central. Vale notar que, durante a ocupação do Haiti pelos Estados Unidos (1915-1934), era comum que fuzileiros navais norte-americanos derrubassem árvores de grande porte por todo o país como forma de combater práticas religiosas tradicionais, destruindo, assim, os lugares de morada de espíritos e de outras entidades e impondo formas de controle social e religioso (Ramsey, 2011).

Porém, não é só a produção do carvão que envolve um conjunto de regras morais e princípios éticos, pois a venda do carvão é também uma atividade bastante regrada. Os mercados no Haiti são espaços majoritariamente femininos e as mercadoras haitianas foram personagens importantes em discussões sobre racionalidade econômica em contextos marginais, como mostraram os trabalhos clássicos de Sidney Mintz (1961) e de outros autores mais recentes (Neiburg & Joseph, 2021; Joos, 2017). Muito se escreveu sobre técnicas de venda e separação de mercadorias que funcionam como formas de garantir a fidelidade das clientes ou que servem para afastar possíveis agentes mágicos que porventura tragam má sorte nas vendas ou até mesmo perda de dinheiro (Silva, 2019). No caso das comerciantes de carvão, é notável o lugar de relativa marginalidade que ocupam em mercados locais e regionais.



Imagem 7. Mercado de carvão.
Foto do autor, Cabo Haiti, 2022.

Ali, a fuligem toma conta da paisagem e adere não só aos espaços e meios por onde transita, mas também aos corpos que a fazem transitar – a tal ponto que se torna difícil separar figura e fundo, corpo e matéria, pessoa e carvão. Mas manipular o carvão é considerado algo extremamente perigoso, já que seus resíduos tóxicos podem causar doenças diversas. Como me disse uma mercadora de Milot, “o carvão pode te dar a vida (*bay lavi*), mas ele também pode destruí-la (*detwi lavi*)”.

Essa toxicidade é algo que as mercadoras enfrentam cotidianamente nessa *busca pela vida*. Tal como o uso de clordecona em plantações de banana na Martinica e em Guadalupe, essas substâncias tóxicas são agentes de uma conexão intrínseca entre corpos e cadeias locais e globais de commodities (Agard-Jones, 2013). Mas o carvão também vai além disso. Bol, uma mercadora que conheci em Milot, vendia não só o carvão que ela comprava de camponeses nos montes, mas também pedaços menores e menos valorizados, conhecidos como *koukou*.



Imagem 8. Koukou chabon – pequenos pedaços de carvão – espalhados pela terra.
Foto do autor. Milot, 2020.

Essas sobras do carvão, por sua vez, possuem um outro destino importante. Aliás, falo de *sobras* mais do que *rejeitos*, seguindo a proposta de Jaramillo (2020), para destacar uma característica desse processo produtivo que é exatamente o excesso, aquilo que está para além do que se objetiva como produto final, no caso, o carvão inteiro. É interessante pensar aqui que falar em sobras em um contexto em que predominam imagens e discursos sobre falta e carência nos ajuda a olhar o que há de abundante. Similar ao que Gabrielly Merlo de Souza (2020) nomeia como “arte da compostagem”, esses pedaços menores são utilizados para fertilizar o solo ou, como dizem, “*grase latè*”, engordar a terra, criando uma circularidade na qual aquilo que é aparentemente destrutivo, como o corte de árvores, acaba contribuindo para uma agricultura complexa que combina diferentes espécies e estratos vegetais, ao lado de outros seres que compõem o solo, em um esforço de cuidado com a terra e com as plantas. À motivação aparentemente mais imediata de ter acesso a dinheiro para o pagamento de tarifas escolares ou compromissos rituais, soma-se uma temporalidade que mira um futuro no qual a terra volte a “engordar” (*grase*).

Em um artigo publicado recentemente, as antropólogas Fernanda Arêas Peixoto e Júlia Vilaça Goyatá (2021) exploram as relações e trânsitos entre a forma altar e a obra de dois artistas: o brasileiro Farnese Andrade e o haitiano Frantz Jacques, popularmente

conhecido como Guyodo. Particularmente sobre Guyodo, que vive e trabalha na *Grand Rue*, região central de Porto-Príncipe, outrora parte de um coletivo conhecido como *Atis Rezistans* (Artistas em Resistência), as autoras retomam uma fala do escultor na qual ele afirma que seu local de criação é “um jardim de artistas” (Peixoto & Goyatá, 2021, p. 69). Não só recuperação, mas também “arte de transformação”, suas obras operam uma ressignificação de resíduos e sobras a tal ponto que “[a] *Grand Rue* não é um local de escombros, mas um jardim repleto de ‘mágicos’, que, tal qual os sacerdotes vodu, são capazes de mudar o estado da matéria” (Peixoto & Goyatá, 2021, p. 77).



Imagem 9. Sem título, Guyodo.

Fonte: Exposição *Pòtoprens: The urban artists of Port-au-Prince*, Museum of Contemporary Art, North Miami, 2019. Disponível em: <https://mocanomi.org/2019/04/potoprens-the-urban-artists-of-port-au-prince/> (acesso: 13/04/2023).

A essa pertinente observação, que aproxima o fazer artístico e a dimensão técnica do sagrado, eu gostaria de acrescentar o componente ecológico na proposta de Guyodo que parece abarcar tanto seu jardim de artistas quanto os jardins e roças descritos neste ensaio. É desse trabalho de transformação e recriação que podemos vislumbrar formas de conceber a vida e o futuro, tanto no trabalho de um escultor quanto nas técnicas de produção e venda do carvão entre os habitantes das montanhas do Haiti. Um outro ponto que vale a pena destacar é que nos troncos das árvores cortadas para produzir carvão cresce um cogumelo endêmico do Caribe, conhecido no Haiti como *djondjon*, bastante apreciado pela culinária local. Cozido junto ao arroz, ele é utilizado nas trocas de comida entre vizinhos e amigos, definidos por sua vez como “as pessoas com quem comemos

juntos”. Com isso, mais do que apontar para formas de resiliência de sistemas agrícolas, tais práticas são um modo de regeneração pois tentam dar conta de distúrbios passados e presentes.



Imagem 10. Djondjon.
Foto do autor. Milot, 2016.

Regeneração é parte central do que Jean Casimir (1992) definiu como o sistema *contra-plantation* em seu trabalho sobre a gênese do campesinato haitiano. Para o autor, o *lakou* ou a casa popular está baseada em um esforço de recusa e resistência à plantation, mas que também se orienta “para a proteção e a regeneração da comunidade” (Casimir, 2018, p. 101). Nesse sentido, se dentro da economia do carvão, similar ao trabalho dos artistas da *Grand Rue*, toxicidade e regeneração são constitutivas de esforços individuais e coletivos na busca pela vida, esse par revela, também, as formas como a própria vida é produzida nas paisagens montanhosas do norte do Haiti, uma vida que se enfrenta constantemente com perigos diversos, entre os quais um possível retorno da plantation. Porém, essa vida se estabelece também como um constante esforço contra a plantation. Tal esforço nos mostra que a crise ecológica vivida em todo o globo encontra outras respostas, algumas delas pautadas em lutas históricas e em formas de cuidado e alianças mais-que-humanas.

Olhar para técnicas e afetos envolvidos em atividades de produção, circulação e troca pode, assim, nos ajudar a desfazer discursos que atribuem a responsabilidade por crises ambientais a populações tradicionais e reproduzem formas de dominação e racismo. A proposta deste texto foi apresentar etnograficamente como o carvão vegetal é produzido e comercializado em um povoado no norte do Haiti atento às sobras e aos excessos. Tais dimensões revelam uma ecologia historicamente pautada na oposição à plantation e uma temporalidade que recombina passado, presente e futuro (Bulamah, 2024). Isso pode nos inspirar a olhar também para formas de antecipar outros futuros agrários, mesmo em meio a um acúmulo histórico de ruínas e eventos disruptivos.

Referências

- Agard-Jones, Vanessa (2013). Bodies in the System. *Small Axe: A Caribbean Journal of Criticism*, 17(3(42)), pp. 182-192. Disponível em: <https://doi.org/10.1215/07990537-2378991>.
- Bellande, Alex (2015). *Haïti déforestée, paysages remodelés*. Montréal: Les éditions du CIDIHCA.
- Boyer, Dominic (2019). *Energopolitics: Wind and Power in the Anthropocene*. Durham: Duke University Press.
- Brodwin, Paul (1996). *Medicine and morality in Haiti: the contest for healing power*. Cambridge studies in medical anthropology 3. Cambridge: Cambridge University Press.
- Bulamah, Rodrigo Charafeddine (2020). Pode um porco falar? Doença, sistemas e sacrifício no Caribe. *Horizontes Antropológicos*, 26 (57), pp. 57-92.
- Bulamah, Rodrigo Charafeddine (2024). *Ruínas circulares: uma antropologia da história no norte do Haiti*. Rio de Janeiro: Papéis Selvagens.
- Casimir, Jean (1992). *The Caribbean: One and Divisible*. Santiago: United Nations, Economic Commission for Latin America and the Caribbean.
- ____ (2018). Une lecture décoloniale de l'histoire du peuple haïtien de 1697 à 1915. *Rencontre*, 34, pp. 95-105.
- Col, Giovanni da (2012). The Poisoner and the Parasite: Cosmoeconomics, Fear, and Hospitality among Dechen Tibetans. *Journal of the Royal Anthropological Institute*, 18, pp. S175-S195. Disponível em: <https://doi.org/10.1111/j.1467-9655.2012.01771>.
- Diamond, Jared (2010). *Colapso: como as sociedades escolhem o fracasso ou o sucesso*. Rio de Janeiro: Record.
- Fagundes, Guilherme Moura (2019). Fogos gerais: transformações tecnopolíticas na conservação do Cerrado (Jalapão, TO). Tese de Doutorado, PPGAS/Universidade de Brasília, Brasília, DF, Brasil. Disponível em: <https://repositorio.unb.br/handle/10482/36037>.

Farmer, Paul (1992). *AIDS and Accusation: Haiti and the Geography of Blame*. Berkeley: University of California Press.

Ferdinand, Malcom (2022). *Uma ecologia decolonial: pensar a partir do mundo caribenho*. Traduzido por Letícia Mei. São Paulo: Ubu.

Hedges, S. Blair; Cohen, Warren B.; Timyan, Joel & Yang, Zhiqiang (2018). Haiti's biodiversity threatened by nearly complete loss of primary forest. *Proceedings of the National Academy of Sciences*, 115 (46), pp. 11850-11855. Disponível em: <https://doi.org/10.1073/pnas.1809753115>.

High, Mette M. (2017). *Fear and Fortune: Spirit Worlds and Emerging Economies in the Mongolian Gold Rush*. Ithaca: Cornell University Press.

James, Cyril Lionel Robert (2000). *Os jacobinos negros: Toussaint L'Ouverture e a Revolução de São Domingos*. São Paulo: Boitempo.

Jaramillo, Pablo (2020). Mining Leftovers: Making Futures on the Margins of Capitalism. *Cultural Anthropology*, 35 (1), pp. 48-73.

Joos, Vincent (2017). Space, Female Economies, and Autonomy in the Shotgun Neighborhoods of Port-Au-Prince, Haiti Space and Female Economies in Port-Au-Prince. *Economic Anthropology*, 4 (1), pp. 37-49.

Mauss, Marcel (2003). As técnicas do corpo. In M. Mauss, *Sociologia e antropologia* (pp. 399-422). São Paulo: Cosac & Naify.

Merlo de Souza, Gabrielly (2020). Políticas de composto. *Caderno Eletrônico de Ciências Sociais*, 8 (2), pp. 130-152.

Mézié, Nadège (2018). Da areia ao gado: meninos empreendedores rurais no Haiti. *Civitas - Revista de Ciências Sociais*, 18, pp. 431-453. Disponível em: <https://doi.org/10.15448/1984-7289.2018.2.29601>.

Mintz, Sidney W. (1961). Pratik: Haitian personal economic relationships. In V. E Garfield (ed.), *Proceedings of the American Ethnological Society*. Seattle: University of Washington Press.

____ (2012). *Three Ancient Colonies: Caribbean Themes and Variations*. Cambridge: Harvard University Press.

Neiburg, Federico (2021). Multiscale Home: Shifting Landscapes and Living-in-Movement in Haiti. *Cultural Anthropology*, 36 (4), pp. 548-555. Disponível em: <https://doi.org/10.14506/ca36.4.02>.

Neiburg, Federico & Handerson, Joseph (2021). Searching for life in times of pandemic. In D. Fassin & M. Fourcade (eds.), *Pandemic Exposures: Economy and Society in the Time of Coronavirus* (pp. 321-342). Chicago: Hau Books/Chicago University Press.

- Peixoto, Fernanda & Goyatá, Júlia Vilaça (2021). Circulações e aparecimentos da forma altar entre arte e religião. In E. Giumbelli & F. A. Peixoto (orgs.), *Arte e Religião: passagens, cruzamentos, embates* (pp. 55-86). Brasília: ABA Publicações. Disponível em: <https://doi.org/10.48006/978-65-5973-031-5-1>.
- Ramsey, Kate (2011). *The Spirits and the Law: Vodou and Power in Haiti*. Chicago: University of Chicago Press.
- Sautchuk, Carlos (2017). *Técnica e transformação: perspectivas antropológicas*. Rio de Janeiro: ABA Publicações.
- Silva, Felipe Evangelista (2019). Comércio. In F. Neiburg (org.), *Conversas etnográficas haitianas* (pp. 101-130). Rio de Janeiro: Papéis Selvagens.
- Tàpies, Cristián & Carles, Hernandez (dirs.) (2012). *Los huesos de la tierra*. Documentário. Disponível em: <https://youtu.be/ns0Y9wqnMVo>.
- Trouillot, Michel-Rolph (1990). *Haiti, State against Nation: The Origins and Legacy of Duvalierism*. New York: Monthly Review Press.
- ____ (2020). O estranho e o ordinário: o Haiti, o Caribe e o mundo. *Vibrant: Virtual Brazilian Anthropology*, 17, pp. 1-8. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1809-43412020v17i553>.
- Weszkalnys, Gisa (2016). A Doubtful Hope: Resource Affect in a Future Oil Economy. *Environmental Futures*, 22(51), pp. 127-146.
- Williams, Eric (2012). *Capitalismo e Escravidão*. São Paulo: Companhia das Letras.
- World Bank (2007). *Haiti: Strategy to Alleviate the Pressure of Fuel Demand on National Woodfuel Resources*. 112/07. Washington: Energy Sector Management Assistance Program.

Recebido em 18 de outubro de 2023.

Aceito em 06 de junho de 2024.

Regeneração e toxicidade: notas etnográficas sobre a economia do carvão no norte do Haiti

Resumo

A lenha e o carvão vegetal representam a base do sistema energético haitiano. Calcula-se que 70% da demanda por energia no país é suprida por esses combustíveis. Sobre esse tema, predominam discussões que retratam a produção de carvão como irracional e responsável por um desmatamento supostamente descontrolado no país. A cadeia do carvão é, contudo, mediada por técnicas e afetos que envolvem processos vitais, diferentes regimes de propriedade e herança, cálculos econômicos e ecológicos além da agência de espíritos que habitam a paisagem. A proposta deste ensaio é deslocar o nosso olhar sobre o carvão com o objetivo de trazer à tona outras dimensões da vida nos montes haitianos, particularmente o par regeneração e toxicidade. Para tanto, discutirei alguns elementos dessa cadeia produtiva, enfatizando a economia de sobras e excessos que resultam dessa atividade.

Palavras-chave: Haiti; Energia; Carvão vegetal; Contra-plantation.

Regeneration and toxicity: ethnographic notes on wood charcoal economy in northern Haiti

Abstract

Fuelwood and charcoal represent the base of the Haitian energy system. It is estimated that 70% of the demand for energy in the country is supplied by these fuels. On this topic, most of the discussions portray coal production as irrational and responsible for a supposedly uncontrolled deforestation in the country. The charcoal chain is, however, mediated by techniques and affections involving vital processes, different property and inheritance regimes, economic and ecological calculations besides the agency of spirits that inhabit the landscape. The purpose of this essay is to displace our gaze on coal to bring out other dimensions of life in Haitian mountains, particularly the pair regeneration and toxicity. To this end, I will discuss some elements of this production chain, emphasizing the economy of leftovers and excesses that result from this activity.

Keywords: Haiti; Energy; Wood charcoal; Counterplantation.